

ARTIGO

"MUITO MAIS DO QUE TRATAR DOENÇAS COM PLANTINHAS": GINECOLOGIA NATURAL E (RE)CONSTRUÇÃO DE SABERES

Luanda de Oliveira Lima¹

> luanda.ol@gmail.com

ORCID: 0000-0003-2764-0764

Paula Gaudenzi¹

> paula.gaudenzi@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4039-1088

Claudia Bonan¹

> bonanclaudia@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8695-6828

¹ Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira /
Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz)
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Com um crescimento acelerado nas redes sociais desde 2018, o movimento de Ginecologia Natural defende o “empoderamento” feminino através do conhecimento do próprio corpo e da percepção do ciclo menstrual. O presente trabalho analisa os discursos de influenciadoras do movimento no Brasil e na América Latina, tomando como base suas postagens no Instagram® ao longo de quatro anos. Utilizando a Análise de Conteúdo Temática, buscamos compreender as percepções de mulher, “corpo feminino” e práticas terapêuticas difundidas pelo movimento com a mediação das redes sociais, identificando e analisando esses modos de produzir saúde entre mulheres, diferentes daqueles difundidos pela biomedicina. Apresentando forte relação com os movimentos de *self-help* nos anos 1970 e 1980 e com práticas populares e tradicionais de cuidado e saúde, a Ginecologia Natural defende a ideia de que qualquer mulher pode cuidar da própria saúde desde que tenha acesso aos instrumentos e às informações que lhe permitam fazê-lo, difundindo a percepção do ciclo menstrual como a principal forma de se cuidar e se conhecer.

Palavras-chave: saúde da mulher; ginecologia natural; gênero; menstruação; natureza.

“MUCH MORE THAN TREATING ILLNESSES WITH LITTLE PLANTS”: NATURAL GYNECOLOGY AND THE (RE)CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Abstract: With an accelerated growth in social networks since 2018, the Natural Gynecology movement advocates female “empowerment” through the knowledge of their own body and the perception of the menstrual cycle. The present work analyzes the speeches of the movement’s influencers in Brazil and Latin America, based on their posts on Instagram® over four years. Using Thematic Content Analysis technique, we seek to understand the perceptions of women, “female body” and therapeutic practices spread by the movement with the mediation of social media, identifying and analyzing these ways of producing health among women, different from those disseminated by biomedicine. Presenting a strong relationship with the self-help movements in the 1970s and 1980s and with popular and traditional practices of care and health, Natural Gynecology defends the idea that any woman can take care of her own health as long as she has access to the tools and information that allow her to do so, spreading the perception of the menstrual cycle as the main way to care for and know herself.

Keywords: women’s health; natural gynecology; gender; menstruation; nature.

“MUCHO MÁS QUE TRATAR ENFERMEDADES CON PLANTITAS”: LA GINECOLOGÍA NATURAL Y LA (RE)CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO

Resumen: Con un crecimiento acelerado en las redes sociales desde 2018, el movimiento de Ginecología Natural aboga por el empoderamiento femenino a través del conocimiento del propio cuerpo y la percepción del ciclo menstrual. Este estudio analiza los discursos de influenciadoras del movimiento en Brasil y América Latina, a partir de sus posts en Instagram® durante cuatro años. Por medio del Análisis Temático de Contenido, buscamos comprender las percepciones de mujer, “cuerpo femenino” y las prácticas terapéuticas difundidas por el movimiento a través de la mediación de las redes sociales, identificando y analizando esas formas de producir salud entre las mujeres, que difieren de las difundidas por la biomedicina. Con una fuerte relación con los movimientos de autoayuda de las décadas de 1970 y 1980 y con las prácticas populares y tradicionales de salud y cuidados, la Ginecología Natural defiende la idea de que cualquier mujer puede cuidar de su propia salud siempre que tenga acceso a las herramientas y a la información que le permitan hacerlo, difundiendo la percepción del ciclo menstrual como la principal forma de cuidarse y conocerse a sí misma.

Palabras clave: salud de la mujer; ginecología natural; género; menstruación; naturaleza.

“MUITO MAIS DO QUE TRATAR DOENÇAS COM PLANTINHAS”: GINECOLOGIA NATURAL E (RE)CONSTRUÇÃO DE SABERES

Introdução

Desde 2000 observamos o crescimento da internet e das redes sociais como ferramentas de comunicação e difusão de informações, com amplo potencial de circulação entre as diversas camadas sociais e seus recortes de raça, gênero, idade e localização geográfica (Recuero, 2009; Cardoso; Lamy, 2011). Com uma quantidade e uma velocidade inéditas de exposição de informações, ideias, produtos, argumentos e contra-argumentos, as redes sociais têm se configurado como espaços ímpares de promoção de diversos conteúdos, inclusive aqueles relacionados à saúde, ao cuidado e às práticas terapêuticas (Frossard; Dias, 2016).

Neste contexto, entre 2018 e 2021, observamos o acelerado crescimento de publicações on-line, especialmente, nas redes sociais com conteúdos relacionados à Ginecologia Natural (GN). Segundo Núria Calafell Sala (2019), a Ginecologia Natural pode ser caracterizada como um movimento sociocultural, de caráter informativo e pedagógico, presente em toda a América Latina. No Brasil, notamos o crescimento do movimento que tem como objetivo discutir a saúde feminina e promover o “empoderamento da mulher”¹ e o autocuidado feminino numa perspectiva “natural e autônoma”. Onde “natureza” é compreendida como a relação do ser humano, em especial as mulheres, e o mundo natural (terra, água, plantas e animais), ainda que o conceito seja influenciado pela cultura ocidental, na qual os movimentos estão sediados, eles buscam em cosmologias diversas justificar essa relação, traduzindo natureza e natural como práticas vinculadas a plantas, uma relação harmoniosa com o meio ambiente. A “autonomia” está relacionada ao reconhecimento do próprio corpo e de suas funções, especialmente do ciclo menstrual. Outra característica do movimento é sua postura crítica ao uso de hormônios sintéticos (pílula anticoncepcional), que “falseariam” o ciclo menstrual, impedindo que o mesmo seja vivido em plenitude. Tais críticas não estão presentes exclusivamente nos movimentos de GN, outros coletivos abordam o tema com perspec-

¹ Utilizo “empoderamento feminino” ou da mulher como termo nativo dos movimentos e grupos estudados, nos quais este está diretamente relacionado a autoconhecimento, especialmente do corpo biológico e de suas funções, principalmente do ciclo menstrual, para que a mulher possa se cuidar e se compreender a partir de sua “natureza cíclica”. Ressalto que estão entre aspas duplas todos os termos tratados como nativos no texto.

tivas similares, difundindo diferentes formas de percepção da fertilidade e retratando os hormônios sintéticos como não naturais ou prejudiciais às mulheres que o utilizam. É possível observar que esses movimentos se influenciam e se inter-relacionam.

Podemos observar grande presença de influenciadoras do movimento no ambiente virtual, com páginas e perfis das redes sociais, onde disseminam práticas “naturais” de cura, de cuidado e autocuidado femininos, com concepções de saúde-doença que, em algum grau, se diferenciam daquelas da biomedicina. Em manuais e publicações compartilham os “saberes” da GN e tratamentos não farmacológicos para a saúde da mulher.

Até o momento da finalização do texto, identificamos poucas publicações acadêmicas sobre Ginecologia Natural (Calafell Sala, 2019; Dieguez et al., 2021), constituindo-o como um tema a ser explorado, especialmente no campo da Saúde Coletiva, em que observamos materiais e resultados similares, como a busca por autonomia dos corpos femininos e do cuidado, a crítica à medicalização e o incentivo a tratamentos “naturais”. Podemos estabelecer diálogo com outros estudos relacionados às práticas populares de cuidado e às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), com os estudos sobre a marginalização dos saberes populares e a perseguição de suas praticantes (Ehrenreich; English, 1973; Watson, 2016; Federici, 2017; Oliveira, 2020) e outros estudos sobre saúde sexual e reprodutiva, especialmente no que tange ao uso de hormônios (Santos, 2018; Klöppel; Rohden, 2021).

Os estudos sobre a história da Obstetrícia e da Ginecologia e os estudos de gênero e de história das mulheres são de grande relevância para a discussão, entendendo-os como campo interdisciplinar, composto por uma variedade de perspectivas e significados, abarcando diversas abordagens, dentre as quais destaco duas correntes do feminismo, o feminismo da diferença e o ecofeminismo, ambas buscando valorizar características femininas e da mulher, que muitas vezes foram consideradas como sinal de fragilidade ou de inferioridade.

O feminismo da diferença defende que há uma diferença fundamental entre homens e mulheres, mas que nenhum papel social ou juízo de valor deveria ser construído ou imposto com base em tais diferenças. E ainda que não haja uma ligação intrínseca ou biológica com características geralmente associadas ao feminino, sua identificação social com a feminilidade gera efeitos concretos, que precisam ser reconhecidos para serem analisados e, quando necessário, enfrentados (Gilligan, 1982).

Percorrendo caminho similar, porém com especificidades marcantes, os ecofeminismos unem as reflexões dos feminismos e do ecologismo, desdobrando-se em mais de uma vertente. Aqui nos importa fundamentalmente a relação construída pelo ecofeminismo entre as formas de opressão e exploração das mulheres e da natureza. A mulher, assim como qualquer ser vivo, é parte do meio ambiente onde vive, mas, tendo ambas a capacidade de produzir vida, a mulher nutriria uma relação diferente com a terra e a

natureza, por ser a responsável primária do cuidado e do sustento de sua comunidade (Mies; Shiva, 2014).

O ecofeminismo compreende que a sociedade capitalista e patriarcal “transforma” a natureza – compreendida aqui como recursos naturais, terra, água etc. – em propriedade privada, provedora de matéria-prima, e reduz a mulher à sua função de reprodução da vida, provedora de mão de obra. Essa ideia fragmentada e reducionista de mulher e natureza resultaria em destruição, violência e medicalização do corpo feminino, e teria impacto direto na noção hegemônica de saúde presente na sociedade contemporânea, moldando hábitos e práticas de cuidado e higiene femininos, que foram naturalizados historicamente e culturalmente com foco na produção contínua e controlada da mercadoria (Shiva; Mies, 2014; Federici, 2017).

Esse processo de medicalização da vida e, mais especificamente, de controle do corpo da mulher – por meio dos padrões e procedimentos estéticos, pílula, demonização da menstruação (Felitti, 2016) e outros – integra o fenômeno de globalização hegemônica, criando formas de governança dos grandes atores da globalização. Nessa nova era, os cuidados em saúde não estariam mais restritos a hospitais ou à indústria farmacêutica, mas os extrapolariam, consolidando-se como atitudes e técnicas de autovigilância cotidianas, altamente permeadas pelas novas redes de informação e comunicação (Rabinow; Rose, 2006).

O crescimento e a difusão dos processos de medicalização nas primeiras décadas do século XXI, associados à disseminação de informações sobre saúde em livrarias e na internet, permitiram o acesso da grande população ao conhecimento científico gerado, antes restrito a profissionais e espaços médicos e acadêmicos. Conjuntamente há um processo de mercantilização da saúde, entendida como um produto lucrativo e infindável para a indústria farmacêutica, as corporações de planos de saúde e os grandes complexos biomédicos (Clarke et al., 2003).

Neste sentido, a internet se configura como um importante veículo de informações e oferta de produtos aos consumidores em geral, e os temas relacionados à saúde não escapam a essa regra (Frossard; Dias, 2016). Podemos observar que diversos movimentos ligados à saúde da mulher, inclusive o de GN, utilizam de forma ampla as plataformas on-line para a difusão de manuais e informações de tratamentos não hegemônicos que são estudados, divulgados e compartilhados repetidamente em grupos de redes sociais e em sites da internet. Igualmente não podemos deixar de considerar a existência de um público crescente para cursos e conteúdos relacionados à saúde.

Neste artigo, analisamos as postagens de quatro perfis da rede social Instagram® que abordam a temática da GN e tem um grande número de seguidoras, buscando compreender as percepções de mulher e de “corpo feminino” difundidas pelo movimento com a mediação das redes sociais, identificando e analisando esses modos de produzir saúde entre mulheres, diferentes daqueles difundidos pela biomedicina. Trata-se de um

estudo qualitativo com foco nas práticas não hegemônicas de saúde da mulher, especialmente a GN, e busca ampliar as discussões sobre gênero e processos de medicalização da mulher na sociedade brasileira do início do século XXI (Calafell Sala, 2019).

Metodologia

O presente estudo realiza uma Análise Temática do conteúdo publicado entre março de 2018 e maio de 2022 nos perfis “Ginecologia Natural por Bel Saide”, “Curandeiras de Si”, “Ginecosofia” – em espanhol – e “Ginecosofia Brasil” – em português –, sendo os dois últimos do Coletivo Ginecosofia, que tem Pabla Pérez San Martín como sua principal influenciadora. Refletimos sobre os discursos explícitos e implícitos presentes nas postagens dos perfis mencionados, considerando as imagens, os textos e as interações virtuais (Gomes, 2011; Minayo, 2007).

Neste artigo, apresentamos a análise realizada nas publicações acompanhadas semanalmente no Instagram®. Optamos por essa rede social por observar que, durante a realização da pesquisa, foi a plataforma que recebeu o maior volume de conteúdo, onde as influenciadoras buscaram divulgar a GN e seu trabalho como um todo – publicações, ofertas de cursos e consultas. É também o espaço virtual com grande interação entre as produtoras de conteúdo e as outras mulheres que acompanham seu trabalho. Para enriquecer a análise utilizamos outras produções citadas nas publicações – como blogs, páginas da internet e produções bibliográficas de sua autoria, especialmente manuais de ginecologia natural – presentes em editoras ou apenas em formato digital.

A escolha dos perfis se deve ao fato de que os materiais produzidos por essas influenciadoras constam como referência nos textos e nas postagens dos outros grupos que acompanhamos, especialmente Pabla San Martín e o *Manual de Introdução à Ginecologia Natural* (San Martín, 2015), publicação impressa que, em sua 3ª edição, tornou-se a principal referência conceitual da Ginecologia Natural na América Latina. Observamos ainda que as trajetórias distintas das influenciadoras, sendo uma delas médica, outra doula² e terapeuta com uma série de formações voltadas à medicina holística, e a terceira parteira tradicional, também têm impacto no conteúdo produzido e nas percepções de saúde, doença, cuidado e terapêutica apresentados e utilizados pelas mesmas.

Com o material coletado, realizamos uma análise sistemática dos conteúdos disponibilizados, iniciando com uma leitura flutuante, filtrando os textos com conteúdos

² De acordo com a Associação de Doulas do Rio de Janeiro (Adoulas-RJ), doula é uma profissional que acompanha a mulher durante a gravidez, o parto e o pós-parto, oferecendo suporte físico e emocional.

inéditos e que abordavam temáticas centrais para análise, como concepções de saúde, cuidado, menstruação, corpo e mulher. Partindo dessa coleta, foi realizada uma leitura exaustiva buscando paralelos entre os textos apresentados e suas fontes. Os textos foram classificados em: apresentação do movimento de GN, propostas terapêuticas, definições de saúde-doença, mulher e “corpo feminino”, sendo as três últimas categorias aprofundadas neste artigo.

Apresentamos os conteúdos de forma transversal, concentrando a análise naqueles que estão presentes de forma majoritária nos perfis analisados, a saber: menstruação, percepção do ciclo menstrual e da fertilidade, uso de plantas medicinais, fisiologia do ciclo e dos órgãos femininos. Embora outros temas tenham sido abordados pelos perfis ao longo desses anos – como TPM, menarca, menopausa, gestação, mulheres sem útero, cuidados com doenças específicas, como endometriose e a candidíase – optamos por não abordá-los neste momento.

Resultados e discussão

Antes de apresentar os resultados propriamente, apresentamos o campo/sujeito de nossa pesquisa, os perfis de Instagram® e suas principais influenciadoras, visando contextualizar a análise. Vale ressaltar que a última verificação nos perfis foi realizada em 01 de maio de 2022, data dos números apresentados abaixo.

As influenciadoras utilizam muitas das ferramentas disponíveis na internet e nas redes sociais, especialmente aquelas que geram interação, como estratégia para estimular e promover esse “empoderamento de si” entre as mulheres e seu engajamento nas redes sociais, o que amplifica a difusão dos conteúdos postados. São utilizadas as caixinhas de perguntas nos “stories” do Instagram® para orientar suas seguidoras. São feitas perguntas como “você realmente se conhece?”, “você conhece o seu corpo?”, “você já observou o sangue da sua menstruação?”, “por que é necessário romper com o tabu da menstruação?”, “já buscou sua essência?”, dentre outras.

Ginecologia Natural por Bel Saide

O perfil “Ginecologia Natural por Bel Saide”, ativo desde 2017, tem 162 mil seguidoras e 519 publicações, com uma frequência média de três publicações por semana. Dentre os perfis que abordam a GN no Instagram®, é o que apresenta maior número de seguidoras, alcançando mais de 3 mil curtidas em algumas publicações. Em outubro de 2018, o perfil registrava pouco mais de 34 mil seguidoras; em junho de 2020 esse número já era de 117 mil.

A médica ginecologista Maria Isabel Saide, ou Bel Saide, é brasileira do Rio de Janeiro, trabalhou com obstetrícia no SUS por muitos anos, mas afirma que encontrou

seu “caminho” na Ginecologia Natural (GN), ajudando mulheres a se reconectarem com seus corpos. Seu primeiro contato com a GN foi num curso com a médica ginecologista argentina Liliana Pogliani. Em sua página da internet, ela afirma que

No início de 2016 conheci a Ginecologia Natural, movimento vindo da América Latina que resgata conhecimentos tradicionais das mulheres em seus cuidados íntimos, que vê com amorosidade as questões femininas e suas nuances, que convida ao profundo autoconhecimento e conexão com seus corpos, que leva à autonomia, transformação e libertação. Ao mesmo tempo em que é individual, é coletivo, estimula o contato, o carinho, a troca, o apoio mútuo entre as mulheres. Nos leva à natureza, ao natural, à essência de ser mulher. É novo e é antigo, é complexo e maravilhosamente simples! (Saide, 2016).

A médica possui um e-book publicado – *Ginecologia sem hormônios* (Saide, 2017a) – e já organizou uma série de cursos presenciais – “TransFormação para Médicas”, “TransFormação para Terapeutas”, e “Jardim do Feminino” – e no ambiente virtual – “Ervas e Práticas na Ginecologia Natural”, “Para Amar Menstruar”, e o áudio curso sobre Candidíase – além de um ciclo de webinários sobre Percepção do Ciclo Menstrual que está disponível gratuitamente. Em 2022, a médica deu início a um programa de mentoria para médicas, enfermeiras, doulas, entre outras terapeutas com experiência no atendimento a mulheres. Segundo sua página, o programa, com duração de seis meses, consiste na disponibilização de conteúdos sobre a GN, encontros periódicos para troca de experiências, acompanhamento e discussão de casos clínicos, orientação sobre prescrições, tratamentos e técnicas da GN.

Em seu perfil e em diversas de suas publicações, vídeos e podcasts, especialmente em seu manifesto, Bel conta que criou esses espaços para apoiar mulheres, divulgando informações confiáveis e de qualidade. Com frequência afirma que é procurada por mulheres para sanar dúvidas sobre o uso de plantas medicinais e “adoecimentos femininos”, como candidíase, cólicas e outros, ao que responde que a GN é “Muito mais do que tratar doenças com plantinhas. A ginecologia natural é antes de tudo a busca do resgate do conhecimento e da admiração do funcionamento do corpo feminino e seus processos naturais.” (Primeiro post do Instagram®. Saide, 2017b).

Curandeiras de si, de Carolina Lana

O projeto Curandeiras de Si tem perfil ativo no Instagram® desde 2014. Hoje com 135 mil seguidoras e 1.311 publicações, possui uma frequência de publicação diária. Em dezembro de 2019, o perfil tinha pouco mais de 75 mil; cerca de um ano depois, em junho de 2020, esse número já tinha chegado a 112 mil. Carolina Lana é brasileira de Minas Gerais, idealizadora do Projeto Curandeiras de Si e se define como

Doula, Terapeuta formada em Homeopatia, Ginecologia Natural, Iridologia Orgânica, comportamental e identificação de eventos traumáticos na Íris, Aromaterapia para Mulheres, Master Reiki no Sistema Usuí, Orixá Reiki Magnificado, Cromoterapia, Tarô terapêutico, Terapia Xamânica, Massoterapia, iniciada em Magia Divina do Fogo e Ervas, Terapeuta Sistêmica Fenomenológica (Consteladora Familiar Xamânica) e *Womb Keeper Registrada*. –(Lana, 2020, grifo nosso).

Para a terapeuta, a GN é um movimento que cresceu bastante recentemente, o que, segundo a mesma, foi um alívio para muitas mulheres, pois algumas começaram a trabalhar com isso e outras compreenderam que não precisam depender de outras pessoas ou da medicina convencional para se cuidarem. Para Lana, a GN é a ideia de que no corpo encontramos orientação sobre como curar e cuidar da saúde, associada à busca contínua de conhecimentos sobre tratamentos, ervas e alimentação, sendo esta última a base para uma vida saudável.

Curandeiras de Si é hoje o maior projeto de preparação de terapeutas leigas em GN, com formações semestrais on-line acompanhadas por uma tutoria coletiva realizada pela própria Carolina. Assim como Bel Saide, em diversas de suas publicações, Lana relata como é buscada por mulheres para sanar dúvidas sobre o uso de plantas medicinais e a Ginecologia Natural para tratar doenças como candidíase, cólicas e outras, ao que responde que o melhor caminho é o autoconhecimento.

Ginecosofia e Pabla Pérez San Martín

O perfil latino-americano do Coletivo Ginecosofia, ativo desde 2015, conta hoje com 496 publicações e mais de 67,3 mil seguidoras; em dezembro de 2019 eram cerca de 53 mil seguidoras e, em junho de 2020, 61 mil. O perfil do coletivo no Brasil, “Ginecosofia Brasil”, ativo desde maio de 2018, apresentava aproximadamente 28 mil seguidoras e 262 publicações; em dezembro de 2019 eram cerca de 26 mil e em junho de 2020, 31 mil, sendo o único perfil dentre os analisados a perder seguidoras no período em pauta.

Pabla Pérez San Martín é chilena, parteira tradicional e investigadora social. Chegou a iniciar a faculdade de sociologia, que abandonou para realizar pesquisa independente sobre as tradições e os saberes ancestrais de cura e saúde da mulher na América do Sul. É autora do *Manual de Introdução à Ginecologia Natural*, principal publicação do Coletivo Ginecosofia, nascido durante as viagens de Pabla na América do Sul. O Manual aparece como referência de todos os outros grupos estudados e possui edições em espanhol, português e inglês. Nele, a autora aborda a saúde da mulher de uma forma ampla, onde há conexão entre estar saudável e estar em equilíbrio com a natureza, com o ciclo menstrual, com a alimentação e com a saúde mental. São apresentadas técnicas de autoexame do colo do útero e das mamas, assim como propostas terapêuticas com uso de ervas medicinais e massagens, principalmente.

No processo de investigação e compilação de práticas de cuidado dos povos indígenas e de escrita do Manual nasce o projeto Ginecosofia. De acordo com sua página virtual, Ginecosofia é um projeto autogerido de pensamento, investigação, criação e produção de conteúdo escrito e gráfico com enfoque feminista, e tem como principais temáticas a saúde da mulher, o autoconhecimento, a sexualidade, a medicina natural e a ecologia.

O projeto Ginecosofia está presente no Chile, na Argentina e no Brasil e hoje vende livros para diversos países com edições em espanhol, português e inglês. É um projeto com uma equipe colaborativa de 10 pessoas dos diferentes países, inclusive uma brasileira. Embora os perfis do coletivo possuam um número bem menor de seguidoras, suas publicações, especialmente aquelas em formato impresso, são constantes nas discussões dos outros coletivos.

De acordo com esse coletivo, o uso do termo Ginecosofia parte da necessidade de se questionar o termo Ginecologia, que remete à especialidade médica que trabalha com Saúde da Mulher. Sendo assim, a GN nãoalaria especificamente sobre medicina,alaria mais sobre cuidado, um cuidado autogerido, como a mulher se cuida e se relaciona com o próprio corpo com autonomia. Abordagem que seria política, porque, segundo o coletivo, o corpo feminino foi aprisionado pelo patriarcado e um caminho de libertação seria o reapoderar-se do próprio corpo. Dessa maneira, GN seria um olhar sobre si e o ciclo menstrual, um despertar, um retomar de uma memória ancestral.

Os perfis do Coletivo Ginecosofia têm publicações que se afirmam feministas e frequentemente manifestam posicionamento sobre políticas relacionadas à saúde sexual e reprodutiva das mulheres, como o aborto legal e a pobreza menstrual, a interferência de governos autoritários nessas políticas, dentre outros.

Mulher e Corpo feminino na Ginecologia Natural

“Há muito considerada fraqueza e desequilíbrio, a natureza cíclica da mulher é na verdade seu grande lugar de poder e uma incrível fonte de autoconhecimento.”

Bel Saide, mar. 2018

Conectada consigo mesma, forte, corajosa, delicada, sábia, feminina, selvagem, única e inteira são atributos dados pelas influenciadoras da GN para as mulheres. A mulher para a GN é um ser potente e não frágil, e sua capacidade de criar vida é difundida pelo movimento como uma fonte de poder e não de “aprisionamento”; e a menstruação é retratada como fonte de vitalidade, entendida como bela e não como suja. Com essas afirmações, o movimento apresenta um questionamento a hábitos de

higiene, saúde e cuidado, que histórica e culturalmente moldaram os corpos femininos e o sujeito mulher.

Esse sujeito foi construído com base em uma percepção de mulher cujo corpo é um objeto passível de estudos clínicos, protocolos, tratamentos e que precisa de cuidados para não sucumbir à loucura e à doença (Martins, 2004; Rohden, 2001). O estabelecimento das especialidades médicas da Obstetrícia e da Ginecologia, na segunda metade do século XIX, é parte desse processo e afirma uma percepção patriarcal de mulher. Nesse período a medicina buscou ampliar o conhecimento e o controle sobre os corpos femininos:

Enquanto o corpo feminino se tornava objeto de um discurso normativo altamente eficiente, os médicos se consolidavam como poder político e artífices de primeira linha na construção das instituições modernas: as ciências, a família burguesa, o Estado nacional etc. (Bonan, 2005).

As influenciadoras afirmam que a Ginecologia Natural não é apenas uma estratégia terapêutica, mas uma filosofia, um modo de ver a vida, uma estratégia de “empoderamento da mulher” e autocuidado. A “Medicina da Natureza”, termo que usam para se referir às práticas não farmacológicas, traria em seu bojo ideias sobre a relação com o corpo, alimentação, exercícios, relação com o outro, com a terra, o universo, o meio ambiente e especialmente com os ciclos da natureza e o ciclo menstrual. Observamos importante influência do ecofeminismo, ao estimular a relação com a terra, que aparece a partir da agroecologia no movimento ecofeminista (Furtado et al., 2021), e na saúde a partir de uma possível libertação de tóxicos e poluentes, que poderiam ser os agrotóxicos ou os hormônios sintéticos.

Em seu blog, Bel Saide afirma que

Se livrar dos hormônios artificiais, sim, para voltar a menstruar de verdade. Esse é o primeiro passo. Mas não é só isso. É observar o ciclo, perceber o ciclo, se CONECTAR verdadeiramente com seu ciclo menstrual e consequentemente com seu corpo de mulher. Se dar conta de que ele diz mais sobre a gente do que imaginávamos. Que quase todas as áreas da nossa vida estão direta ou indiretamente relacionadas às fases do ciclo menstrual (Saide, 2018).

A reconexão com o corpo de mulher permitiria uma reconexão com a natureza, que seria mais um dos passos para a saúde, o autoconhecimento e a autonomia feminina.

Observamos que os movimentos sobre os quais aqui refletimos trazem uma visão crítica acerca da medicalização a que as mulheres estariam sujeitas, questionando o protagonismo da figura do profissional de saúde e dando às mulheres o protagonismo

da cena e do cuidado consigo mesmas, em que elas próprias poderiam resgatar os conhecimentos inscritos nelas.

Ao observar a interação entre influenciadoras e seu público, majoritariamente feminino, percebemos que o aumento acelerado desses conteúdos e espaços virtuais está relacionado com uma busca por soluções não encontradas no sistema formal de saúde, associado a certo descrédito das instituições, inclusive de saúde, em relação ao cuidado do outro.

Corpo feminino e medicalização

A GN retrata a mulher como um “ser único”, apresentando um olhar integral para o corpo, a mente, as emoções e a espiritualidade, opondo-se à ideia de cuidado centrado no corpo biológico, seus órgãos e membros, como afirma San Martín em seu *Manual de Introdução à Ginecologia Natural*.

O processo de compreensão e de conhecimento desse corpo biológico feminino, de seus ciclos e de seu funcionamento é parte importante da estratégia terapêutica da GN. A reapropriação do corpo feminino, tido como um “território de dominação e controle em disputa”, compõe essa estratégia e o movimento difunde conteúdos detalhados sobre a anatomia e a fisiologia desse corpo. Ademais, há uma importante disputa semântica e epistemológica na concepção de corpo feminino, defendendo a utilização de uma nova nomenclatura para os órgãos do sistema reprodutor feminino, por exemplo, onde o Clitóris se torna “*Fonte do Prazer*”, o Vestíbulo Vulvar passa a chamar-se “*Pátio celestial*” e as Glândulas de Bartolini e Skene como “*Glândulas Anarcha, Lucy e Betsey*”, em homenagem a mulheres “com cujos corpos se realizaram experimentos torturantes como parte dos estudos que embasaram a medicina ginecológica moderna” (San Martín, 2015: 65).

Esse movimento de decolonização do corpo da mulher denuncia a objetificação e a medicalização do corpo feminino, que foi apropriado por uma perspectiva “androcêntrica, patriarcal e colonizadora” (Calafell Sala, 2019). Ao renomear os órgãos genitais com nomes que valorizam sua natureza e sua, suposta, sacralidade é possível “re-conhecer esse espaço, que durante muito tempo foi escondido de nós, para conseguir explorá-lo livremente, indagá-lo a partir de uma perspectiva própria, isenta de tabus, preconceitos, moral ou padronizações médicas” (San Martín, 2015: 47).

Os órgãos internos e externos que compõem o aparelho genital feminino também são apresentados, criticando a forma como são tratados pela medicina hegemônica e apresentando, a partir de uma perspectiva pessoal da autora, uma proposta de nova nomenclatura, com o objetivo de “valorizar, amar, sentir, descobrir, dar prazer, observar, tocar, acariciar e renomear baseada em uma analogia sexual amorosa” (San Martín, 2015: 52-3).

Observamos ainda uma fusão da biomedicina com outras cosmologias, como a tensão entre a medicina científica hegemônica e as práticas não convencionais, popula-

res e tradicionais, que por muito tempo foram relegadas à ilegalidade, estigmatizadas como pseudociência, charlatanismo e curandeirismo.

É importante ressaltar que não negamos a medicina patriarcal. A ideia é sempre propor a autonomia do próprio corpo, para assim buscarem pelo que for melhor para cada. Pois não existe ninguém que saiba mais sobre seu corpo do que você mesmo (Ginecosofia, 2019).

Neste sentido, a Ginecologia Natural considera não apenas o corpo físico, mas também o energético e o espiritual. Olhar influenciado por cosmovisões de povos tradicionais, mas também por outras vertentes, como o movimento vitalista, ou as práticas orientais de saúde. É preciso estar em equilíbrio com a natureza, conectada à visão integral da vida, onde a natureza assim como o corpo feminino são regidos por movimentos cíclicos não planejáveis, rompendo com a fragmentação do corpo e da saúde.

A representação de corpos para além do físico é observada na defesa da ritualização da vida e do cuidado, como filosofia para uma reconexão com a natureza e da mulher consigo mesma. Embora sejam divulgados rituais elaborados como a vaporização do útero³ e a cerimônia do cacau sagrado⁴, a ritualização poderia ocorrer em momentos cotidianos, como no preparo de chás, tinturas⁵, emplastro⁶ e outros na observação e no registro cuidadoso do ciclo menstrual e das variações corporais, no cultivo e no conhecimento das plantas medicinais.

Sendo assim, as práticas de cura trabalham com as dimensões energéticas e espirituais, especialmente para momentos considerados marcantes na vida de uma mulher,

³ Segundo a médica praticante de ginecologia natural Bel Saide, vaporização do útero “consiste em ferver um tanto de água, colocar num recipiente que retenha calor e adicionar ervas terapêuticas. A mulher deve estar com uma saia longa rodada e sem calcinha, com um cobertor ou manta envolvendo todo o corpo, se acocorar em cima do preparado de ervas e ficar lá absorvendo o vapor que sobe através da sua vagina, na sauninha íntima, até esfriar. Dessa forma o vapor chega até o útero e promove uma limpeza.” - Fonte: <https://ginecologianatural.com.br/vaporizacao-de-uterio/>

⁴ De acordo com Carolina Lana (Curandeiras de Si), o cacau é uma planta sagrada e cerimonial entre muitos povos. A cerimônia consiste em compartilhar uma bebida à base de cacau puro, ervas e água, tomada quente. Neste preparado encontramos um alto nível de Teobramina, que produz beta-endorfinas, hormônios diretamente responsáveis pela sensação de tranquilidade, relaxamento e felicidade. A cerimônia pode incluir cantos, meditação e compartilhamento de experiências.

⁵ As tinturas são uma forma de preparação em que são extraídos os princípios ativos das plantas medicinais, usualmente com preparados alcoólicos, como álcool de cereais ou aguardente. São tomados por via oral e podem ser preparados por farmácias de manipulação ou de forma caseira.

⁶ Os emplastros são uma forma de curativo ou compressa, usualmente feitos com argila ou mel e a substância medicinal para tratamentos quentes, e de babosa ou algodão para tratamentos frios. São utilizados de maneira externa em lesões, feridas ou queimaduras.

como a menarca, parto ou pré e pós-aborto. O cuidado precisaria então considerar essa unicidade e esses outros corpos

Gostaria de [...] ressaltar o quanto é transcendente conhecer-se para além da matéria e do ambiente somático. Quero destacar a importância de poder traçar um autoconhecimento metafísico, que inclua particularmente a nossa história ancestral e a nossa árvore familiar.

[...] A autogestão da nossa saúde deve partir da base do contexto histórico/espiritual de cada pessoa. Depois de anos de experiência, posso garantir que nenhum autoconhecimento físico, nem a compreensão biológica, política ou teórica do nosso corpo vai nos salvar de ficarmos doentes. Não nos salvará enquanto continuarmos sem reconhecer a nossa origem e sem com ela nos reconciliarmos, enquanto a nossa consciência viver fragmentada, sendo a mente e o corpo os únicos fundamentos para interpretar os processos de saúde/doença [San Martín, 2015: 73].

Na concepção de mulher e de corpo feminino há também a presença de cosmovisões diferentes daquela difundida pela medicina ocidental moderna, especialmente na ideia de que o corpo saudável é aquele em harmonia e equilíbrio com a natureza (Saide, 2022a). Constatamos a ressignificação dos saberes populares ancestrais pelo movimento, instrumentalizado com a difusão e o interesse pelos conteúdos antes transmitidos e mantidos basicamente pela tradição oral. Ressalta-se, contudo, que essa difusão de saberes tratados como domínio público, mas considerados sagrados para alguns povos, ocorre, muitas vezes, sem considerar sua história e especificidades.

Observamos o “re-aparecimento” de saberes tradicionais com pretensões instituintes, de serem técnicas e práticas codificadas com pontos de referência definidos, manuais e perfis que as pessoas sabem onde procurar e como chegar. Conhecimentos tradicionais (ou uma versão agora difundida deles), antes herdados de mãe para filha, agora secularizados na escrita e divulgados em livros e websites, inclusive de Ginecologia Natural. Conhecimentos sobre plantas, técnicas e práticas terapêuticas que geralmente são citados como “saberes ancestrais”, sem citação ou referência às suas origens ou a cuidadoras que tenham utilizado esses conhecimentos antes.

Ressaltamos que os saberes, as práticas e as técnicas ancestrais das medicinas da mulher persistiram desde sempre, e continuam circulando em territórios de povos tradicionais, indígenas e quilombolas. Estas práticas compõem arenas culturais-filosóficas onde a ideia de saúde-doença, corpo e cuidado, diferente da concepção biomédica de bem-estar biopsicossocial, utiliza a concepção de saúde como equilíbrio e harmonia com a natureza e de bem viver, como um viver em plenitude, promovendo relações e contextos de harmonia mediante a ativação da complementariedade e da reciprocidade entre todos os seres vivos – sejam naturais, inclusive os humanos, ou espirituais. A

maioria das técnicas apresentadas e difundidas pelas influenciadoras são as mesmas técnicas utilizadas por parteiras no cerrado e curandeiras no sertão que, por muitas décadas, foram criminalizadas, escondidas (Watson, 2016).

Com a diversidade de referências, notamos a presença de diálogos e disputas entre os saberes considerados científicos e os saberes populares. Percebemos tanto a presença de movimentos de resistência e reapropriação de saberes sobre plantas medicinais e métodos de cuidado pouco difundidos pela Ginecologia hegemônica como referências a pesquisas biomédicas acerca do uso de hormônios sintéticos, sempre buscando ratificar as práticas e as terapêuticas difundidas.

Práticas terapêuticas e a Percepção do Ciclo Menstrual

A Ginecologia Natural difunde e defende técnicas não farmacológicas ou “naturais” de cuidado, especialmente o uso de plantas medicinais, em diversas apresentações. Mas, como afirmam as influenciadoras, a GN seria “muito mais do que tratar doenças com plantinhas”. Analisando as práticas terapêuticas compartilhadas, o principal elemento unificador identificado é a Percepção do Ciclo Menstrual e da Fertilidade, com o exercício da auto-observação, configurando-se como elemento central no processo de “autoconhecimento” e de “empoderamento”, especialmente utilizando instrumentos manuais, como as “mandalas lunares”. Neste sentido, o corpo biológico é trabalhado como central no processo de cura, não podendo ser ignorado por impactar de maneira significativa e particular a vida das mulheres (Dieguez et al., 2021).

Tocar-se, perceber o corpo, suas nuances e analisar o sangue menstrual são orientações das postagens. O ciclo menstrual é trabalhado para além do fenômeno fisiológico mensal e da contracepção, com foco no autoconhecimento, no prazer, em que a mulher se conheceria a ponto de saber em que dias está mais disponível para um novo trabalho e em quais está mais predisposta ao recolhimento.

Para que alcance seu objetivo terapêutico, a observação deve contemplar diversos elementos e não apenas os dias de ovulação e sangramento, sendo muito diferente da famosa “tabelinha”, e sempre ser acompanhada de um registro manual. Para este registro, a principal ferramenta difundida são a mandala lunar ou o lunário, que consiste em gráfico circular, com a junção dos calendários solar e lunar para registro do ciclo menstrual. A mandala é apresentada de muitas maneiras, aparecendo como uma folha solta ou como uma espécie de agenda para todos os meses do ano, com desenhos, citações e um espaço de registro diário.

Ressaltamos que, embora essas influenciadoras utilizem a internet para difusão da GN e dos saberes da Medicina da Natureza, de maneira antagônica, o uso de aplicativos para o registro do ciclo menstrual é desestimulado. O registro manual deve-

ria ser ritualizado, permitindo assim um momento de reflexão e encontro da mulher consigo mesma, observando em belos desenhos coloridos as diversas mudanças que vivera em um mês.

A prática da percepção do ciclo menstrual possibilitaria autonomia quanto à saúde, ao adoecimento e aos processos terapêuticos e de cura, além de configurar-se como prática de controle da fertilidade extremamente eficaz, tornando-se um caminho para o autoconhecimento, sustentável, saudável e libertador, a base do processo terapêutico proposto pela Ginecologia Natural e de reconexão com uma “forma natural” de existir e ser mulher.

Além de conhecer as mudanças cíclicas normais para a mulher, a percepção do ciclo permitiria antecipar e tratar desconfortos físicos e emocionais causados pelas variações hormonais, pelo cansaço e pelo estresse, por uma bactéria ou por desequilíbrio nos corpos físicos e energéticos. Os tratamentos apresentados vão desde os chás de ervas medicinais com nomes femininos, como Artemísia, Melissa, Angélica, repouso e compressas quentes à vaporização do útero e dietas. Dentre estes, um tratamento presente nas publicações de todas as influenciadoras é o reconhecimento e a reconexão com a ancestralidade. É saber a história menstrual e de saúde física, emocional e sexual das mães, das avós e das bisavós.

Observamos nos comentários e nas interações das postagens que as mulheres que buscam os perfis estão à procura de alternativas de cuidado, muitas vezes como última tentativa de tratamento para um adoecimento crônico. Relatam encontrar, além de uma alternativa, um discurso acolhedor e cuidadoso. São apresentadas a uma proposta terapêutica que diz ter como objetivo resgatar sua conexão com a terra e a natureza, tendo a percepção do ciclo menstrual na centralidade desse processo.

E, conjuntamente, a necessidade de autoproteção e legitimação não só dos saberes “científicos” e “não científicos”, mas também dos sujeitos que os difundem, dos papéis sociais que se colocam e de seu lugar na construção dos mesmos. “Este post não substitui acompanhamento médico ou terapêutico, é apenas informativo” –, afirma Lana em quase todas as publicações do perfil “Curandeiras de si”.

Considerações Finais

Nos perfis analisados observamos a difusão de uma percepção não convencional de mulher, corpo feminino, saúde e cuidado. A partir da pesquisa, acreditamos que o movimento de Ginecologia Natural se consolida como um sistema médico concorrente, ao lado da medicina indígena originária das Américas e de outras medicinas tradicionais. O movimento questiona a medicina científica e suas práticas direcionadas para a mulher e sua saúde, em especial a mulher urbana, promovendo discursos e conteúdos

que estimulariam a mulher a repensar algumas práticas de cuidado e “higiene” destinadas socialmente à mulher.

A médica, a terapeuta, a doula ativista, as bruxas, a legitimidade de determinados ofícios, como o da medicina, o papel do saber ancestral e da Ciência se confundem e se afirmam. Paralelamente observa-se o crescimento do movimento de Ginecologia Natural e dos conteúdos relacionados com o crescente aumento de demandas pela autogestão da saúde, que pode ser compreendido como resposta à medicalização excessiva do corpo e da saúde das mulheres, fortalecida pela possibilidade de ter respostas e acessar conteúdos antes aparentemente inatingíveis, agravada por um descontentamento com profissionais e o sistema de saúde formal.

Paralelamente se apropria, difunde e ressignifica práticas de cuidado populares que estariam relacionadas com uma ideia de corpo feminino e de ser mulher diferente da hegemônica, estimulando sua ressignificação e considerando tanto suas potencialidades históricas como os fenômenos fisiológicos do sistema reprodutivo feminino, fomentando a ritualização dos mesmos, como o hábito de plantar a lua – depositando o sangue na terra – reconhecendo o sangue menstrual como um fluido rico.

As propostas de cuidado e terapêutica do movimento focam na percepção de si e da própria saúde e, especialmente, do ciclo menstrual, elegendo autocuidado e autoconhecimento como estratégias para a promoção da autonomia, de empoderamento feminino e da autogestão da saúde.

Recebido: 10/10/2022
Aceito para publicação: 11/07/2024

Referências Bibliográficas

- BONAN, Claudia. 2005. “Reflexividade, sexualidade e reprodução: encruzilhadas das modernidades latino-americanas”. *Iberoamericana* (2001-), *Nueva época*, Ano 5, nº 18: 89-107.
- CALAFELL SALA, Núria. 2019. “A ginecologia natural na América Latina: Um movimento sociocultural do presente”. *Sexualidade, Saúde e Sociedade – Revista Latino-Americana*, Nº. 33: 59-78. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/43158>. [Acessado em: 30.08.2022].
- CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. 2011. “Redes sociais: comunicação e mudança”. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 2, nº 1, Disponível em: observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6. [Acessado em: 01.06.2021].
- CLARKE, Adele; MAMO, Laura; FOSKET, Jennifer R; FISHMAN, Jennifer R.; SHIM, Janet K. 2003. “Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness, and U.S. Biomedicine”. *American Sociological Review*, Vol. 68, nº 2: 161-194. Washington DC: American Sociological Association. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1519765>. [Acessado em: 06.02.2018].
- DIEGUEZ, Roberta S.M.; ALZUGUIR, Fernanda C.V.; NUCCI, Marina F. 2021. “Descolonizar o nosso corpo: ginecologia natural e a produção de conhecimento sobre corpo, sexualidade e processos reprodutivos femininos no Brasil”. *Sexualidade, Saúde e Sociedade Revista Latino-Americana*, Nº 37: e21211. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/59272>. [Acessado em: 30.08.2022].
- EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. 1973. “Bruxas, parteiras e enfermeiras: uma história de mulheres curandeiras”. Tradução e publicação no Brasil em fanzine por Bruxaria Distro, Coletivo Feminista Nós Soltas e Editora Subta, s/d. Originalmente editado por *The Feminist Press*, Nova York, 1973.
- FEDERICI, Silvia. 2017. *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante.
- FELITTI, Karina. 2016. “O ciclo menstrual no século XXI. Entre o mercado, a ecologia e o poder feminino”. *Sexualidade, Saúde e Sociedade Revista Latino-Americana*, Nº 22: 175-206. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/13319>. [Acessado em: 29.08.2022].
- FROSSARD Vera C; DIAS Maria Clara M. 2016. “O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde”. *Interface* (Botucatu), Nº 20 (57): 349-61. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Xj5Hwb9FQG3G6D8xDWZ3XWJ/?format=pdf&lang=pt>. [Acessado em: 03.04.2022].
- GINECOSOFIA. 2019. “A mulher e a medicina”. Instagram – Ginecosofia Brasil (@ginecosofiabrasil). Disponível em: https://www.instagram.com/p/BtyQ_gPgtUa/. [Acessado em: 03.04.2022].
- GINECOSOFIA. 2022. “Se a Ginecologia Natural não for antirracista, então não é Ginecologia Natural”. Instagram – Ginecosofia Brasil (@ginecosofiabrasil). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcTvfXmtByM/>. [Acessado em: 01.05.2022].

- GOMES, Romeu. 2008. “Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa”. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes.
- KLÖPPEL, Bruna; ROHDEN, Fabíola. 2021. “Práticas de percepção da fertilidade entre mulheres jovens”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 29, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/61724>. [Acessado em: 16.03.2024].
- LANA, Carolina. 2022. “Sobre Curandeiras de Si” [On-line], Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.curandeirasdesi.com.br/sobre/>. [Acessado em: 03.04.2022].
- LANA, Carolina. 2022. “Pilares da Ginecologia Natural”. Instagram – Escola Curandeiras de Si (@curandeirasdesi). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca69qgc-MOM/>. [Acessado em: 03.04.2022].
- MARTINS, Ana Paula. 2004. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [on-line]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz História e Saúde collection. Disponível em: SciELO Books <http://books.scielo.org>. [Acessado em: 10.02.2018].
- MIES, Maria. 2016 [1988]. “Origens sociais da divisão sexual do trabalho: a busca pelas origens sob uma perspectiva feminista”. *Revista Direito e Praxis*, Vol. 07, nº 15: 838-873. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25360>. [Acessado em: 23.05.2020].
- OLIVEIRA, Maria Waldenez; MORAES, J.V. 2010. “Práticas populares de saúde e a saúde da mulher”. *Rev. APS*, Vol. 13, nº 4:412-420. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14498>. [Acessado em: 03.05.2020].
- RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. 2006. “O conceito de biopoder hoje”. *POLÍTICA & TRABALHO. Revista de Ciências Sociais*, Nº 24: 27-57. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6600>. [Acessado em: 20.05.2020].
- RECUERO, Raquel. 2009. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.
- ROHDEN, Fabíola. 2001. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher* [on-line]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Disponível em: SciELO Books <http://books.scielo.org>. [Acessado em: 15.06.2019].
- SAIDE, Bel. *Manifesto*. 2016. “Ginecologia Natural”. [on-line]. Disponível em: <http://ginecologianatural.com.br/o-manifesto/>. [Acessado em: 05.01.2018].
- SAIDE, Bel. 2017a. *Ginecologia Sem Hormônios. eBook*. Rio de Janeiro, Bel Saide.
- SAIDE, Bel. 2017b. “Muito mais do que tratar doenças com plantinhas”. Instagram – Ginecologia Natural por Bel Saide (@ginecologianatural). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BP-SgRKDsGU/>. [Acessado em: 05.01.2018].
- SAIDE, Bel. 2018. “A Beleza, a Sabedoria e a Potência que existem em Menstruar”. Blog Ginecologia Natural. Disponível em: <https://ginecologianatural.com.br/a-beleza-a-sabedoria-e-a-potencia-que-existem-em-menstruar/>. [Acessado em: 14.02.2022].
- SAIDE, Bel. 2019. “Ginecologia Natural é a novidade mais velha de todos os tempos”. Blog Ginecologia Natural. Disponível em: <https://ginecologianatural.com.br/ginecologia-natural-novidade-velha/>. [Acessado em: 14.02.2022].
- SAIDE, Bel. 2021. “A Ginecologia Natural é um caminho [...]”. Instagram – Ginecologia

- Natural por Bel Saide (@ginecologianatural). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP1OLeVJeQz/>. [Acessado em: 14.02.2022].
- SAIDE, Bel. 2022a. “A influência de outros planos energéticos na saúde”. Instagram – Ginecologia Natural por Bel Saide (@ginecologianatural). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYwH01LMhrM/>. [Acessado em: 14.02.2022].
- SAIDE, Bel. 2022b. “Quando buscamos um cuidado através da Medicina da Natureza”. Instagram – Ginecologia Natural por Bel Saide (@ginecologianatural). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZPnJ1nM-ZI/>. [Acessado em: 14.02.2022].
- SAN MARTÍN, Pabla Pérez. 2015. *Manual de introdução à Ginecologia Natural*. 3. ed. São Paulo: Ginecosofia Ediciones, solstício de inverno.
- SANTOS, Ananda C. A. 2018. “Adeus, hormônios”: concepções sobre corpo e contracepção na perspectiva de mulheres jovens. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.6.2018.tde-15052018-092501>. [Acessado em: 16.03. 2024].
- SHIVA, Vandana; MIES, Maria. 1993. *Ecofeminismo*. Barcelona: Icaria editorial s.a.
- VIEIRA, Elisabeth Mi. 2003. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- WATSON, Juliana F.T. 2016. Bem viver do Cerrado: partejar amor, parir uma bioética local. Dissertação de Mestrado em Bioética, Universidade de Brasília, Cavalcante. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_1dfb689ae4bc1ef1a1a88547dd563a26. [Acessado em: 23.05.2020].